

DOCUMENTAÇÃO FÍLMICA E ICONOGRÁFICA COMO FERRAMENTA PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Nailda Marinho da Costa Bonato¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Levando em consideração o que me foi solicitado pelo HISTEDBR para o Colóquio² - falar sobre a documentação fílmica e iconográfica como fontes para a História da Educação -, venho apresentar, neste ensaio, algumas considerações iniciais sobre a temática, visando trazer algumas contribuições para uma possível discussão.

Naquele momento, construí minha fala em cima da própria produção daquele coletivo de pesquisa em âmbito nacional, tendo em vista o uso dos documentos fílmicos e iconográficos enquanto fonte e/ou objeto e mesmo como ilustração. A perspectiva era a de contribuir para o Projeto 20 anos de HISTEDBR: “Navegando pela história da educação brasileira”, e assim foi o que tentei fazer, a partir do material de que dispunha em meu limitado acervo pessoal, a saber:

- Mapeamento preliminar da produção HISTEDBR nacional, apresentado pela Secretaria Geral, na reunião do Grupo na V Jornada, ocorrida na Universidade de Sorocaba - UNISO, em maio de 2005.
- Revistas HISTEDBR On-line
- Cadernos de Resumos das Jornadas HISTEDBR
- Cadernos de Resumos do V Seminário Nacional de Pesquisa do HISTEDBR

Uma pequena amostra, se considerarmos as múltiplas possibilidades proporcionadas por esse Coletivo de pesquisa, mas bastante significativa para nossos objetivos imediatos apontou, mesmo que de maneira frágil, a produção de conhecimento do Grupo HISTEDBR que tem como ferramenta a documentação fílmica e/ou iconográfica. Sem dúvida, essa exposição é carente, considerando não ser fruto de uma pesquisa mais sistematizada e aprofundada da produção na busca desse tipo de documento, e também no sentido de uma leitura mais acurada de sua totalidade, o que demandaria um tempo de que não dispunha. Trago apenas alguns apontamentos

¹ Professora do Programa de Mestrado em Educação da UNIRIO e membro do NEB/UNIRIO – Núcleo de Estudos em Educação Brasileira – GT/HISTEDBR – Rio de Janeiro. O NEB começou a ser articulado enquanto cursava o meu doutorado na UNICAMP.

² Realizado em 21 de outubro de 2005, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, no âmbito das atividades desenvolvidas pelo HISTEDBR/Unicamp. Mesa também composta por Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro e Livia Diana Rocha Magalhães, que enviaram a contribuição por e-mail. Devido a problemas técnicos não foi possível a conexão com a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como estava previsto.

preliminares que, com certeza, apresentam lacunas a serem preenchidas, devido aos motivos já expostos.

No entanto, este texto também se pauta numa formação e experiência que trago de longos anos no trato da documentação de toda espécie, incluindo a fílmica e a iconográfica, em instituições de memória por onde passei e passo³, bem como na orientação de monografias de graduação pertinentes a elas.⁴

Definindo documentação fílmica e documentação iconográfica

Antes de apresentar o levantamento que tentei empreender sobre a presença desses documentos no âmbito da produção do HISTEDBR, acredito ser necessário definir o que estamos chamando de **documentação fílmica** e **documentação iconográfica**. Para isso, parto da definição dada pelo *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*, publicado pelo Arquivo Nacional, em 2005, e organizado por um Grupo de Trabalho coordenado por Silvia Ninita de Moura Estevão. Nesta obra, esse tipo de documentação é classificada como **documentação audiovisual**, e definida como “*Gênero documental integrado por documentos que contêm imagens, fixas ou em movimento, e registros sonoros, como filmes e fitas videomagnéticas.*” (p.73). O *Dicionário* nos remete ainda aos verbetes **documento filmográfico**, **documento iconográfico** e **documento sonoro**. Indo aos verbetes que aqui nos interessam, encontramos:

³ Formada em pedagogia em 1983 e em Arquivologia em 1987, trabalhei em várias instituições educativas (desde 1981), assim como em várias instituições de memória (desde 1985). Como docente na UNIRIO, estou desde 1997. Atualmente desenvolvo o projeto de pesquisa “Concepções da Federação pelo Progresso Feminino sobre educação das mulheres” que tem como fonte privilegiada o Fundo FBPF, contido no acervo do Arquivo Nacional.

⁴ Especificamente do curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNRIO. Como por exemplo, as monografias de graduação elaboradas por Rodrigo de Oliveira Albernaz, intitulada “A organização do acervo arquivístico da Cidade do Rio de Janeiro considerando suas transformações político-administrativas”, incluindo a iconografia, 1999; de João Cláudio Parucher da Silva, intitulada “Arquivos fotográficos: o caso do Museu da Imagem e do Som – RJ”, 1998; e de Fabiane Ricardo de Negreiros, intitulada “Os arquivos fotográficos do Museu Histórico Nacional: sua organização e importância como fonte de pesquisa”, 1998 e outras que se seguiram. Apontavam, entre outras questões de arranjo e guarda, de forma incipiente, para a existência de uma memória fotográfica sobre escolas, através das séries levantadas pelos alunos. Atualmente oriento a pesquisa monográfica de Teresa Cristina Piloto de Oliveira, intitulada “Diagnóstico do acervo audiovisual da ONG ‘Nós do Morro’”; ONG que desenvolve um trabalho social na comunidade do Vidigal, favela da zona sul do Rio de Janeiro, através da formação de atores e técnicos para o teatro e o cinema.

- **Documento filmográfico:** “*Gênero documental* integrado por *documentos* que contêm *imagens* em movimento, com ou sem som, como *filmes* e *fitas videomagnéticas*. Também chamado documento cinematográfico”.
- **Documento iconográfico:** “*Gênero documental* integrado por *documentos* que contêm *imagens* fixas, impressas, desenhadas ou fotografadas, como *fotografias* e *gravuras*.”

Neste caso, o *Dicionário* privilegia o **documento fotográfico** ao destacar, em verbete à parte: “Fotografia em positivo ou negativo” (p.76). Sergio Burgi, em *Introdução à preservação e conservação de acervos fotográficos: técnicas, métodos e materiais*, define o que entende por registros fotográficos, em suas mais variadas formas de apresentação, a saber:

Os registros fotográficos são hoje parte integrante de nossos acervos documentais, seja na forma de fotografias originais do século XIX, em papel albuminado, transparências coloridas contemporâneas (diapositivos), fotografias preto e branco em papel de gelatina e prata, microfilmes e microfichas, filmes cinematográficos etc.(1988, p.5).

Observamos que, na definição de 1988, o autor inclui a documentação filmográfica como um registro fotográfico. Essa documentação, aliada a outras tipologias⁵, se inclui na categoria ***documentação especial***. Conforme, ainda, o mesmo *Dicionário*, o *documento especial* é assim definido:

Documento em linguagem não-textual, em *suporte* não convencional, ou, no caso de papel, em formato e dimensões excepcionais, que exige procedimentos específicos para seu *processamento técnico*, guarda e *preservação*, e cujo *acesso* depende, na maioria das vezes, de intermediação tecnológica. (p.75).

Da cultura oral aos registros em pedra, bronze, cerâmica, pergaminho, papel, até o surgimento do registro da imagem através de meios técnicos, como a fotografia e o filme, e hoje, com as novas tecnologias do CD-Rom, do DVD, do disco ótico, entre outros formatos e suportes, o homem vem tentando deixar suas marcas no mundo. Esses registros se tornam, ou não, fontes *da* ou *para* a história.

⁵ É o caso, por exemplo, dos documentos sonoros e cartográficos.

No dizer de Saviani, todas as fontes históricas são construídas, são produções humanas, portanto estão na origem do trabalho do historiador, ou seja:

as fontes históricas não são a fonte da história (...) não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos, são a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, é nelas que se apóia o conhecimento que produzimos a respeito da história. (2004, pp.5-6)

Para esse educador, todo material de pesquisa só adquire “o estatuto de fonte diante do historiador que, ao formular o seu problema de pesquisa, delimitará aqueles elementos a partir dos quais serão buscadas as respostas às questões levantadas” (Ibid.). Assim, essa variedade de apresentação da informação imagética pode ser fonte para a história da educação. Por exemplo, que potencial informativo tem, para o pesquisador da história da educação, um Fundo de documentação audiovisual como o constituído pela documentação produzida pelo Serviço de Radiodifusão Educativa e o da TV Educativa, ambos do Ministério da Educação? O que nos dizer dos acervos que compõem a memória da televisão brasileira? Qual o seu potencial, como fonte para a história da educação?

O que dizer das vozes de um Carlos Drummond de Andrade, que previa o uso da fotografia como fonte e um Múcio Leão⁶, que lamentava a pouca importância dada pelos arquivos oficiais ao arquivo fotográfico de Guilherme Santos⁷. Conforme José Honório Rodrigues (1978, p.141), opiniões publicadas nos jornais na década de cinquenta sobre a preservação e uso da fotografia como fonte histórica?

O que sabemos do potencial da coleção fotográfica “Guilherme Santos”, parte do acervo do Museu da Imagem e do Som/RJ para a história da educação do Distrito Federal? O que essa documentação pode nos sinalizar? Ele fotografou festas populares, acontecimentos políticos e culturais cariocas, através da técnica da estereoscopia (três dimensões). O acervo é constituído de 17.500 negativos, mais de 7.000 positivos em vidro, ampliações feitas em papel e 12 aparelhos estereoscópicos⁸, através de sua arte é possível observar, por exemplo, os pavilhões da Exposição de 1922. Conforme descrito na homepage do Museu: “A Coleção, além de considerável valor artístico, retrata a

⁶ Nasceu em Recife-PE em 17 de fevereiro de 1898 e faleceu no Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1969. Foi jornalista, contista, poeta, crítico, romancista, orador. Eleito para a Cadeira n. 20 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Humberto Campos, em 1935 (Fonte: ABL).

⁷ Guilherme Antônio dos Santos, 1871-1966. Fotógrafo amador.

⁸ Fonte: folder de propaganda do MIS-RJ.

paisagem natural e resgata a memória cultural do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX”⁹.

Feitas as considerações e apresentadas as definições, vamos ao uso dos documentos fílmico e iconográfico na produção do Coletivo nacional HISTEDBR.

A presença/ausência da documentação fílmica e iconográfica na produção do HISTEDBR

Para o levantamento que ora apresento, adotei os seguintes critérios de identificação desse tipo de documento na referida produção:

- Quando a fonte de informação foi o Mapeamento propiciado pela Secretaria Geral do HISTEDBR, por se tratar de um “inventário sumário”, selecionei apenas aquelas produções onde o próprio título já indicava essa informação. Exceção para aqueles que traziam os resumos, onde se pode identificar a presença desse tipo de documentos como ferramenta na produção.
- Quando a fonte foi a Revista HISTEDBR On-line, obviamente pudemos ler o seu conteúdo.
- Quando as fontes foram os *Cadernos de resumos* das Jornadas HISTEDBR e o do V Seminário Nacional, recorreremos aos títulos dos trabalhos apresentados e lemos os resumos, cientes de que o ideal seria ter lido todo o trabalho, pois muitas vezes a fonte utilizada pelo pesquisador não aparece identificada nessas duas modalidades de expressão acadêmica.

Fonte: Mapeamento HISTEDBR

No Mapeamento da produção do HISTEDBR realizado pela Secretaria Geral, encontram-se identificados, como **publicações do Grupo**, nas categorias Artigos de periódico, Trabalhos completos em eventos, Teses e Projetos de Pesquisa institucional - incluindo a produção de vídeos e a criação de Centro de Memória da Educação -, os seguintes trabalhos:

⁹ http://www.mis.rj.gov.br/c_guilhermsant.htm Acessada em 09 de fev. de 2005.

Artigos de periódico

- LUPORINI, T. J. “Memória e fontes iconográficas: os desafios para a pesquisa em história da educação”. **Revista de Educação**, Curitiba, 2004. GT – Ponta Grossa – PR
- MIRANDA, M. E. M. **Educação à distância e a formação de professores do ensino fundamental: análise do Projeto TV Escola na experiência de Manaus (1996-1999)**. Manaus, 2000. Sem identificação do periódico. GT – Amazonas

Trabalhos completos/resumidos em eventos

- BLEY, Guillian Giselle Valentim; CARNEIRO, C. F. G. “Levantamento e catalogação de fontes fotográficas para a história de famílias de Ponta Grossa”. In. **III Encontro de Pesquisa da UEPG**, 2003, Ponta Grossa. GT – Ponta Grossa
- BLEY, Guillian Giselle Valentim; CARNEIRO, C. F. G. “Levantamento e catalogação de fontes fotográficas para a história de famílias de Ponta Grossa: Bairro de olarias. Século XX”. In. **XII Encontro Anual de Iniciação Científica**, Foz do Iguaçu, 2003. GT – Ponta Grossa
- CARNEIRO, C. F. G. “As fontes fotográficas da memória da população de Castro, Século XX”. **IV Encontro de Pesquisa da UEPG**, CD-ROM, p. 1-1, 2004. GT – Ponta Grossa

Teses

- BONATO, Nailda Marinho da Costa. *A Escola Profissional Feminina através da imagem fotográfica*. Campinas, SP: Unicamp, 2003 (Tese de Doutorado). GT – Unicamp.

Embora o título não expresse o período histórico - falta apontada pelo professor Dermeval Saviani quando membro da Banca Examinadora da Tese -, trabalhei com o período da Primeira República. Aqui reproduzo o resumo:

A tese estuda a Escola Profissional para o Sexo Feminino tendo como fonte privilegiada a imagem fotográfica. Esse tipo de escola foi instituída na esfera pública de ensino do Distrito Federal na Primeira República como Instituto Profissional Feminino (1898), Primeira Escola Profissional Feminina [Bento Ribeiro] e Segunda Escola Profissional Feminina [Rivadavia Correa] (ambas em 1913) e Escola Profissional Paulo de Frontin (1919). A investigação ao “olhar” para as imagens produzidas da escola busca os motivos do registro, reconstituir as atividades didático-pedagógicas do seu cotidiano, sua estrutura e funcionamento e o que representou para a educação feminina no projeto educativo republicano do poder municipal, considerando que as imagens trazidas foram produzidas por Augusto Malta, contratado da

Prefeitura como fotógrafo, cargo criado na gestão de Pereira Passos (1902-1906) para documentar visualmente as obras de transformação da cidade naquele período, permanecendo na função até 1936. À “leitura” da imagem foram trazidas outras fontes documentais, como relatórios, ofícios, livros de ata, decretos, leis, jornais.

Projeto de Pesquisa Institucional

- NORMA, Amélia Kimiko. FE. GT – Maringá –PR

Desenvolve a pesquisa **Imagem, história e educação** com o objetivo de discutir a utilização do cinema como fonte de investigação histórica em educação. Faz reflexões sobre a natureza dessa fonte, debate questões teórico-metodológicas.

- Projeto de pesquisa do Grupo. GT – Bahia. ***Práticas sociais de cinema: memória e identidade em Vitória da Conquista***. Sem maiores informações.

Dentro de Projeto de Pesquisa Institucional o GT – Sergipe comparece com a produção de dois vídeo-documentários. Assim, o Grupo se apresenta como próprio produtor e acumulador de documentos fílmicos/videomagnéticos como fonte para a pesquisa em História da Educação.

- Vídeo/Documentário: *Levantamento e catalogação das fontes primárias e secundárias da Educação do Estado de Sergipe* – 1994. GT – Sergipe
- Vídeo/Documentário: *memória de mestre e a reconstrução da História da Educação em Sergipe* – 2000. GT - Sergipe

Destaca-se também o projeto de pesquisa institucional de criação de Centro de Memória da Educação, do GT – Paulínia / São Marcos – SP. Desse projeto o mapeamento traz o resumo, o que nos permite identificar a presença de documentos iconográficos no seu interior, como a fotografia. Aqui reproduzimos o resumo apresentado:

Criou o CEMEMO – Centro de Memória da Universidade São Marcos Campus Paulínia, com o objetivo de inserir os alunos nos processos de resgate e preservação de fontes (documentais, iconográficas, fotográficas e imagéticas) da História da Educação de Paulínia e Região. Pesquisador: Denis de Andrade, sob a orientação da profa. Meire Terezinha Miller, doutoranda pela FE/UNICAMP. O CEMEMO já dispõe de **232 fotos** digitalizadas e legendadas, além de dezenas de **mapas** (documentação cartográfica), notícias de jornal, cadernos e livros escolares. O trabalho de catalogação de livro da Biblioteca do CEMEMO – coleção Ângelo Arruda – encontra-se em fase final de elaboração e contará com

aproximadamente 3000 obras, doadas pela família do médico campineiro Ângelo Arruda à instituição.

Com relação a estas fontes, é importante que os pesquisadores repassem os dados mais específicos sobre sua produção, para compor a Homepage do Grupo nacional e um “inventário” mais detalhado de toda a produção do Grupo no que se relaciona à documentação fílmica e iconográfica.

Fonte: Revista Histedbr On-line

Uma outra fonte a qual recorri foi a *Revista HISTEDBR On-Line* É só a partir da *Revista Histedbr On-line*, n.8, out. 2002, que vamos encontrar menção a esse tipo de documentação: fílmica e iconográfica. Em quase todos os artigos, percebe-se uma discussão teórico-metodológica sobre o uso da fotografia como fonte. É importante destacar que, por ser a Revista aberta à comunidade acadêmica da área, também são publicados, embora em menor quantidade, artigos de pesquisadores fora do âmbito do Grupo. Das *Revistas*, arrolamos as seguintes produções:

Artigos

Na Revista *Histedbr On-line*, n.9 mar. 2003.

1)BONATO, Nailda Marinho da Costa Bonato. **Imagens da escola profissional feminina no Distrito Federal.** *Revista Histedbr On-line*, n. 9 mar. 2003.

Artigo fruto da pesquisa que vinha desenvolvendo para a produção de minha tese de doutorado, defendida em agosto 2003.

2)BETTINI, Rita Filomena Andrade Januário, ALBUQUERQUE, Daniela Gomes de. **História e memória: o cotidiano escolar visto através da imagem fotográfica.** Universidade Estadual Paulista-Faculdade de Ciências e Tecnologia / Campus De Presidente Prudente / Grupo De Trabalho Presidente Prudente (Histedbr). *Revista Histedbr On-line*, n. 9, mar. 2003.

Trata-se de uma pesquisa em desenvolvimento, que deu origem ao artigo, cujo resumo reproduzimos abaixo:

A pesquisa propõe fazer uma análise do cotidiano da escola pública de 1º e 2º grau, "Prof. Adolpho de Arruda Mello", nas décadas de 30 e 40, em que ainda era chamada de Grupo Escolar na cidade de Presidente Prudente –

SP. Para a realização deste trabalho será proposta inicialmente, uma pesquisa bibliográfica como fonte de estudo e embasamento teórico. O cotidiano será analisado através de fotografias que compõem o acervo do Museu Municipal desta cidade. Juntamente, serão analisados documentos pertencentes à escola objeto de pesquisa para que seja estabelecido um paralelo de informações contidas entre as fotos e os documentos estudados.

Os dois trabalhos acima foram também apresentados na *II Jornada do HISTEDBR*.

3) BETTINI, Rita Filomena Andrade Januário, KÜNZLI, Ruth. *O Museu Histórico e Arquivo Municipal de Presidente Prudente: propostas pedagógicas de intervenção. A recuperação do acervo fotográfico e divulgação do Museu e Arquivo à comunidade. GT-Presidente Prudente (Histedbr). Revista Histedbr On-line*, n. 11, set. 2003.

Conforme o artigo:

As atividades de pesquisa realizadas constituem estudo bibliográfico e trabalho de campo, objetivando dar início e condições para continuidade à pesquisa historiográfica relativa ao arquivo da Fundação Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente e, referente ao acervo fotográfico e de memória oral, considerando que o material necessitava de avaliação prévia e cuidados de manutenção.

Neste artigo, a autora destaca os problemas encontrados para a preservação desse tipo de documentação. Diz ela:

O trabalho muitas vezes foi prejudicado pela má conservação dos documentos visuais, agravados pelo empilhamento e disposição destes em sacos plásticos impróprios facilitando a deterioração, necessitando assim a utilização de instrumentos próprios, tais como: luvas, máscaras, aventais descartáveis e antibactericidas.

Este trabalho também foi apresentado na *II Jornada do HISTEDBR*.

3) BORGES, Paulo Humberto Porto. **História e fotografia**. *Revista Histedbr* n. 11, set. 2003.

Neste artigo, o autor trata do uso da fotografia e da imagem filmica como objeto de pesquisa no Brasil somente a partir da década de 60. Em suas palavras:

Na produção acadêmica brasileira, a **fotografia** e a **imagem filmica** surgem enquanto objeto de pesquisa somente a partir da década de sessenta com o doutorado de Paulo Costa Junior, intitulado Tutela penal da intimidade e o direito de estar só defendida em 1967, até o final da década de setenta foram mais quatro teses entre mestrados e doutorados, com destaque para abordagem histórica da fotografia no Brasil de Boris

Kossoy, Elementos para o estudo da fotografia no Brasil no século XIX, concluído em 1979. Nos anos oitenta foram produzidos cerca de doze teses acadêmicas, entre elas o festejado mestrado de Arlindo Machado. (...) A década de noventa foi bem mais prolixa, produzindo cerca de uma centena de trabalhos referentes à linguagem fotográfica e fílmica. Historicamente este boom da pesquisa na área imagética vem na esteira do movimento de questionamento de paradigmas em que o pensamento pós-moderno relativiza a tradição materialista. (...) A grande maioria destes trabalhos são estudos sobre a hermenêutica fotográfica e fílmica enquanto possibilidade de representação e técnica artística pautados a partir da crítica ao objetivismo fotográfico e a relativização da imagem fotográfica enquanto documento histórico.

Resenhas

1) Resenha do livro de Marcus Vinicius CUNHA (org.). *Ideário e imagens da educação escolar*. Campinas: Autores Associados, 2000. Feita por Elaine Marasca Garcia da Costa. Mestranda em Educação pela Universidade de Sorocaba. *Revista Histedbr On-line*, n. 8, out. 2002.

Destaco um fragmento da resenha.

Este livro compõe-se de cinco textos desenvolvidos com base em pesquisas sobre a história da educação no âmbito do Programa de Pós-graduação em educação escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara - SP.

As fontes pesquisadas incluem: Análises de fotografias e de manuscritos, o recurso da história oral e outras fontes documentais impressas, onde cada autor traz contribuições individuais e específicas para a História da Educação.

Ganham ênfase com este trabalho: o ensino primário no Brasil no final do século XIX; o ideário de modernização educacional conciliado com o pensamento católico no Brasil dos anos 30; a missão pedagógica das iniciativas protestantes no século XIX; cinco décadas no cenário das práticas pedagógicas; memoriais do trabalho pedagógico, do século XIX a 1950.

2) Resenha do livro de Maria Ciavatta *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Feita por Alzilene Ferreira da Silva e Ileuza Costa Cardoso. Museu Pedagógico da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESB. *Revista Histedbr On-line*, n. 14, jun. 2004.

Em *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica*, Maria Ciavatta realiza uma abordagem singular do mundo do trabalho através de imagens fotográficas, oriundas de arquivos públicos e privados da cidade do Rio de Janeiro, que retratam o cotidiano social dos trabalhadores durante o período 1900-1930. Na obra, a representação fotográfica é entendida como agente que guarda no seu bojo elementos da história e, nesse

sentido, apresenta-se como importante fonte de construção e re-construção da memória.

Seção de Imagens

- Na Revista *HISTEDBR On-line* n. 9, surge a seção **IMAGENS**. Nela vamos encontrar imagens da II Jornada do Histedbr, apresentadas por Maria Isabel Nascimento. É o Histedbr registrando e construindo sua memória também através das imagens. *Revista Histedbr On-line*, n. 9 mar. 2003.
- A Revista n. 11 traz as imagens da III Jornada Histedbr, em Americana, também apresentadas por Maria Isabel Nascimento. *Revista Histedbr On-line*, n. 11, set. 2003
- A Revista n.14 traz imagens referentes ao IV Colóquio do Museu Pedagógico/Universidade Estadual da Bahia –UESB/Vitória da Conquista-BA. *Revista HistedbrOn-line*, n. 14, jun. 2004
- Na Revista de n. 16, pudemos nos deleitar com a seção **Iconografias do Museu Histórico – Antropológico do Contestado**, com 5 links remetendo à história do Contestado. *Revista Histedbr On-line*, n. 16, dez. 2004

Fonte: Cadernos de resumos das Jornadas HISTEDBR

Outra fonte a qual recorri foi aos *Cadernos de resumos das Jornadas HISTEDBR*. Deles, arrolamos os seguintes trabalhos, partindo das Jornadas que registramos inicialmente:

II Jornada do HISTEDBR. “A produção em história da educação na Região Sul do Brasil”. Ponta Grossa, de 8 a 10 de out. 2002 e Curitiba, 11 de out. 2002. UEPG e PUCPR.

Nesta Jornada, foram identificados os seguintes trabalhos:

- BONATO, Nailda Marinho da Costa. *Imagens da escola profissional feminina no Distrito Federal*. pp.46-47.
- BETTINI, Rita Filomena Andrade Januário, ALBUQUERQUE, Daniela Gomes de. *História e memória: o cotidiano escolar visto através da imagem fotográfica*. pp. 85-6.

Estes dois trabalhos também foram publicados na *Revista Histedbr On-line*, n.9, 2003.¹⁰

¹⁰ Retorne a Seção Revista deste artigo e veja o resumo.

- BETTINI, Rita Filomena Andrade Januário, ALBUQUERQUE, KÜNZLI. *O Museu Histórico e Arquivo Municipal de Presidente Prudente: propostas pedagógicas de intervenção. A recuperação do acervo e divulgação do Museu e Arquivo à comunidade.* pp. 93-4.

Este trabalho também foi publicado na *Revista Histedbr On-line*, n.11, 2003.¹¹

IV Jornada do HISTEDBR. História e historiografia da educação: abordagens e práticas educativas. 05 a 07 de julho de 2004. Universidade Estadual de Maringá.

Temos os seguintes trabalhos apresentados:

- SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos. *O uso das fontes na pesquisa historiográficas: questões metodológicas iniciais.* pp. 181-2.

Como menciona a autoria em seu resumo, a pesquisa investiga “o lugar das fontes na pesquisa historiográfica”, incluindo a fotografia.

V Jornada do HISTEDBR. Sorocaba: Uniso, 9 a 12 de maio de 2005, temos:

- TOMÁS, Luiz Gustavo. *Da escola primária/normal Sant’anna da Freguesia à Escola Técnica Secundária Feminina Rivadávia Correa: imagem e papel da mulher no processo civilizatório brasileiro.* pp.88-9.
- BONATO, Nailda Marinho da Costa. *Imagens do Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca (1902-1929).* pp.71-2.

A minha apresentação tinha por base um capítulo da tese de doutorado defendida em agosto de 2003.

- LUPORINI, Teresa Jussara et. al. *Políticas educacionais, história e memória: a utilização de fontes primárias no processo de investigação.* pp.145-6

De acordo com o resumo apresentado, a pesquisa de Luporini “refere-se a trajetória de uma instituição de ensino superior, no contexto da política educacional paranaense, a partir da análise de fontes escritas, **iconográficas** e orais.” (p.146). (Grifo meu)

- OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de, TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. *As fotografias do arquivo do Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção – 1927/1928.* pp.163-4.

¹¹ Retorne a Seção Revista deste artigo e veja o resumo.

- SIGRIST, José Luiz, FONSECA, Sônia Maria. *Sistematização dos dados históricos sobre a rede municipal de ensino de Indaiatuba (SP): relato de uma experiência*. p.198.

Deste último trabalho acadêmico, dizem os autores, em seu resumo:

Responsáveis pela custódia do acervo que compõe o Arquivo Público Municipal, dispomos de alguns instrumentos parciais de pesquisa sobre legislação, **coleção de fotografias** e documentos dos fundos públicos da, Prefeitura, Intendência e Câmara Municipal, os quais constituíram-se no ponto de partida dessa pesquisa. (Grifo meu)

Embora não fazendo parte do escopo desse artigo, por ser tratar de *documentação especial*, resolvi incluir esse trabalho pela sua raridade no uso desse tipo de fonte nas pesquisas de nossa área.

- SILVA, César Eugênio Gomes da. *A evolução cartográfica da antiguidade ao ciberespaço*. p.154.

Destacamos também, abaixo, os raros trabalhos que foram produzidos tendo, como fonte/objeto de estudo, pichações e graffitis.

- BARCHI, Rodrigo. *As pichações nas escolas sob a perspectiva da proposta pedagógica dos movimentos históricos anarquista e ecologista*. p.165.
- MEDRADO, Hélio Iveson Passos. *Graffitis: nem tragédia – nem fatalidade, apenas desafios*. pp.176-7.

Fonte: Caderno de resumos do V Seminário Nacional

Uma outra fonte a qual recorri foi ao *Caderno de resumos do V Seminário Nacional* cuja temática foi “Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e educação”. UNICAMP-HISTEDBR: Campinas, SP, 20 a 24 de agosto de 2001. Nele, encontramos os seguintes trabalhos apresentados:

- DANTAS, Eugenia Maria. *O olho e a mão: a fotografia como fonte histórica*. p.45
- NOMA, Amélia Kimiko. *O cinema como fonte para a pesquisa histórica em educação*. p.40.

Tecendo algumas considerações

Pela produção elencada no item anterior, podemos observar que:

1. Ainda há poucos pesquisadores, no âmbito do HISTEDBR, que utilizam em suas pesquisas a documentação fílmica ou iconográfica como ferramenta, se considerarmos o Coletivo deste Grupo de Pesquisa. É importante lembrar que estamos nos referindo a produções até maio de 2005.

A pouca presença desse tipo de documento na produção apresentada, no âmbito desse Coletivo de pesquisa, pode ter como um dos motivos a sua própria historicidade. A partir do século XIX surge a fotografia, datada oficialmente de 1839, como um registro da imagem parada por meios técnicos, enquanto as imagens em movimento datam de 1895 (filme mudo). Bem mais tarde, aparece o filme colorido, em larga escala (década de 1950), a fita magnética de duas polegadas (final dos anos 1950) e a fita digital Betacam (década de 1990). Assim, podemos afirmar que são invenções bastante novas para o registro da informação em relação ao suporte papel, mas obsoletas em relação aos novos suportes da informação propiciados pelas novas tecnologias.

Isso nos permite afirmar que ainda há muito material para ser encontrado e analisado, visando um acúmulo de dados para pensarmos o processo histórico de constituição da educação brasileira. Ainda há muito a ser vasculhado. Portanto, é preciso explorar mais esse tipo de fonte em nossas pesquisas, no campo da história da educação, particularmente no âmbito do HISTEDBR.

Apenas no caso do Rio de Janeiro, temos a investigar o acervo do Arquivo Nacional; do Museu da Imagem e do Som; do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro; do Centro Cultural Banco do Brasil; da Fundação Casa de Rui Barbosa, entre tantos outros *lugares de memória* abertos à pesquisa que poderíamos citar. Embora saibamos que muita coisa já tenha se perdido, como por exemplo, muitos filmes a base de nitrato, principal substância do suporte fílmico até o início da década de 1950¹².

Porém, muita coisa há, ainda, para ser encontrada. Conforme a homepage no Arquivo Nacional e um folder de divulgação de seu acervo, só essa instituição arquivística, por exemplo, possui mais de dois milhões de fotografias e negativos fotográficos e 51 mil matrizes de filmes e fitas videomagnéticas, provenientes de órgãos

¹²Essa substância entra em processo de deterioração mais ou menos acelerado de acordo com as condições de armazenamento. É um produto extremamente inflamável, portanto, há risco de incêndios nos acervos com esse tipo de suporte material. Muitos não foram nem catalogados para ficarem na história da produção cinematográfica brasileira.

e entidades do Poder Público de âmbito federal, bem como de instituições privadas e de particulares. O acervo audiovisual do Arquivo Nacional tem marco inicial na década de 1860, com a Coleção de Fotografias Avulsas, composta de fotografias que retratam aspectos e costumes do Brasil e do exterior, entre 1839¹³ e 1932. A iconografia inclui também os acervos do jornal *Correio da Manhã*, produzidos entre as décadas de 1930 e 1970, e da Agência Nacional, correspondendo ao período de 1935 a 1979, onde se registra a evolução da vida política do país, com imagens de cunho oficial de presidentes, ministros, governadores, inaugurações públicas etc. Assim, a documentação iconográfica se compõe de imagens fixas – fotografias, gravuras, desenhos, caricaturas, charges, diapositivos, cartões-postais e cartazes -, oriunda da administração pública federal e de arquivos privados, reunida em um acervo que abrange os séculos XIX e XX.

A área de documentos Sonoros e de Imagens em Movimento tem, sob sua guarda, um acervo de discos, fitas audiomagnéticas, filmes cinematográficos e fitas videomagnéticas. Os documentos filmográficos cobrem o período de 1950 a 1979. Recentemente, o Arquivo Nacional recebeu parte do conjunto de matrizes da produção cinematográfica brasileira contemporânea, que formava a coleção da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

2. Muito dos trabalhos apresentados são frutos de uma mesma pesquisa. Estas investigações, no cômputo geral, ainda são poucas.
3. Há trabalhos em que a documentação filmica e/ou iconográfica constitui-se no próprio objeto do estudo proposto.
4. Há trabalhos em que a documentação apresentada é fonte do estudo proposto.

¹³Segundo Walter Benjamin, o daguerreótipo foi exibido publicamente em 1839, por Daguerre, marcando o início oficial do surgimento da fotografia, embora experiências anteriores tentassem fixar a imagem por meios mecânicos. Cada clichê era composto de placa de prata, iodada e exposta na 'câmara obscura'; era peça única; em média, o preço de uma placa, 1839, era de 25 francos-ouros. Não raro, os clichês eram guardados em estojos, como jóias. (Benjamin, 1987, p. 93) A superfície espelhada dos daguerreótipos só permitia a identificação da imagem em determinada posição e não era possível obter cópias. Essa técnica fotográfica entrou no Brasil em 1840 pelas mãos do abade Compte, membro de uma comitiva que estava dando a volta ao mundo e desembarcou no Rio de Janeiro objetivando pesquisar a natureza local e a geografia, levando informações e imagens para estudos posteriores. O abade produziu o primeiro registro fotográfico entre nós, portanto um ano após ter sido inventada pelo francês Daguerre (1789-1851). É sabido que o imperador D. Pedro II era grande admirador do invento, sendo o primeiro fotógrafo brasileiro. Adquiriu o equipamento no mesmo ano de 1840, com 14 anos (Lopes, 1996).

Em relação a esta quarta consideração, como este texto final foi feito *a posteriori* do Colóquio, pudemos acrescentar as contribuições advindas de Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro e Lívia Diana Rocha Magalhães, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em relação a um Projeto de Pesquisa que vem sendo desenvolvido com esse tipo de documentação como ferramenta, tendo em vista o “Projeto 20 anos/HISTEDBR”. Na comunicação enviada diziam elas:

Nessa comunicação, estamos socializando estas primeiras preocupações e o comentário do primeiro filme [A Missão] escolhido e esperamos obter dos colegas do HISTEDBR sugestões para serem incorporadas ao projeto, tanto do ponto de vista do acervo fílmico, como dos conteúdos e temas a serem levados a cabo para a utilização do filme como ferramenta para o estudo da relação entre imagens e história da educação. De igual modo, a Equipe está levando a cabo a organização de textos sobre a história da educação e do cinema, ou seja, referenciais bibliográficos essenciais para o estudo dessa relação e para o estudo da história da educação. (21 de out. 2005)

A fala esclarece o tipo de trabalho inovador que aquelas pesquisadoras estão tentando empreender, no campo da História da Educação, tendo como ferramenta a documentação fílmica.

5. Há trabalhos em que a documentação se insere num conjunto de documentos visando a recuperação e catalogação de acervos para a história da educação, como parte do projeto “Levantamento de Fontes Primárias e Secundárias para a História da Educação”, desenvolvido pelos de vários GTs organizados em nível nacional.
6. Há trabalhos visando a produção e guarda desse tipo de documento.

Os projetos de preservação de fontes fílmicas e iconográficas para a História da Educação não podem perder de vista o necessário para a sua conservação. Local de guarda, acondicionamento, climatização, equipamentos como desumidificadores de ar ambiente, monetarização ambiental, mobiliário etc. No caso da fotografia, o papel para confecção de envelopes, para montagem em passe-partout, molduras plásticas para diapositivos, entre outros. Filmes e fitas de vídeo não podem ser guardados em armários fechados, sem um controle ambiental adequado: temperatura e umidade do ar, sem poeira e outras sujidades, ação prejudicial da luz, manuseio inadequado etc.

As histórias dessas fontes é também uma história de perdas, devido ao processo de preservação não somente pelo colocado acima. Atualmente, com o desenvolvimento de novas tecnologias de registro e reprodução de sons e imagens, os filmes, fotos, fitas,

já começam a ser encarados como “documentos audiovisuais tradicionais”, documentos antigos e correm o risco de desaparecer, pois não há ainda uma política eficaz de preservação e transferência da informação, tendo em vista os novos suportes e equipamentos gerados pelas novas tecnologias (Molinari Junior, 1997; Figueira, 1994).

7. Há trabalhos discutindo a questão teórico-metodológica do uso desse tipo de documentação enquanto fonte para pesquisa.

Nesse sentido, cabe a pergunta de Brandão e Leme (1986, p.53): “até que ponto a documentação audiovisual, surgida no século XIX, se coloca em relação aos manuscritos e aos impressos, com similar qualidade de testemunho?” Na história do suporte e do documento como fonte para a história, reinou por muito tempo o registro escrito em suporte papel. No próprio campo da História da Educação, a documentação fílmica e iconográfica como fonte e/ou objeto só começou a ser usada mais incisivamente na década de 90. Segundo Cardoso, na área de história, especificamente, a iconografia, em suas diversas representações, aparece primeiro na forma de ilustrações, depois como fonte e até mesmo como objeto de estudo.

Apresentando a influência francesa nessa nova perspectiva, entre outras obras, o historiador nos fala do volume compilado por Charles Samaran, publicado em 1961, que dedica dois capítulos ao tema: um primeiro, relativo à fotografia e ao cinema, encarados então como testemunhos; o outro capítulo é dedicado ao uso de tais testemunhos pelo historiador. Nessa influência, menciona o movimento da Nova História, ao nos informar sobre um artigo de Marc Ferro que trata da utilização do cinema como fonte para pesquisa histórica, publicado em 1973 nos *Annales*, republicado um ano depois, integrando uma obra de três tomos entendida como “uma espécie de manifesto” da Nova História. Em 1978, em outro artigo, Marc Ferro “concede mais espaço à fotografia e ao cinema”. (Cardoso, 1990, p. 9)

Em seu artigo “Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação”, Zeila de Brito Fabri Demartini, nos diz: “A forma como se tem reconstruído a História da Educação no Brasil ainda se mantém muito presa aos moldes da historiografia tradicional no tocante à utilização da diversidade de fontes possíveis.” (1997, p.9). Acreditamos que o seu uso esbarra também em sua falta, assim como acontece com qualquer outra fonte. A própria pesquisa empreendida pela pesquisadora junto a professores no estado de São Paulo nos

aponta essa possibilidade. Focalizando em especial a experiência do ruralismo pedagógico nas décadas de 30 e 40, nos diz ela:

Recorrer a fotografias como fonte de informações sobre a época pesquisada era um dos intuitos dos projetos, mas nem sempre os professores as possuíam; de 28 entrevistados, 12 conseguiram localizar e providenciar fotos que pudessem nos interessar. (p.10).

Se hoje fala-se no uso da imagem nas escolas, é importante destacar que nas décadas de 20 e 30 isso ocorreu e é preciso estudarmos o que foi aquele momento. No Distrito Federal, na gestão de Fernando de Azevedo frente à Diretoria de Instrução Pública, temos o uso da imagem como recurso didático para o processo ensino-aprendizagem. No caso do cinema, realizada pela Diretoria, a *Primeira Exposição de Cinematografia Educativa*, na Escola José de Alencar. A partir daí deu-se início à formação da filmoteca educativa municipal, onde o professor podia acessar o acervo por empréstimo, para o uso do trabalho docente. Azevedo também registrou escolas através da técnica fotográfica, para divulgar os feitos de sua gestão. (Vidal, 1996)¹⁴. Embora com a presença de alguns estudos, como os de Vidal, esse movimento de resgate dessa documentação enquanto fonte e/ou objeto para a história da educação precisa ser mais incisivo.

Eduardo Victorino Morettin¹⁵, em sua análise do filme “Os Bandeirantes”(1940), de Humberto Mauro, que trata da atuação dos Bandeirantes no Brasil Colonial, mais precisamente de São Paulo, nos informa que em 1936 foi criado, no Governo Vargas, o INCE – Instituto Nacional de Cinema Educativo. O filme em questão foi produzido por esse Instituto, contando com a participação de intelectuais como Afonso Taunay – historiador e diretor do Museu Paulista e Edgar Roquete Pinto, antropólogo e então diretor-presidente do INCE. Segundo o autor, o Instituto foi a realização de um projeto de cinema educativo idealizado e elaborado por diversos intelectuais e educadores ligados à Escola Nova, no decorrer dos anos 20 e 30.

¹⁴ Conforme artigo publicado nos *Anais* do Seminário “Pedagogia da Imagem, Imagem da Pedagogia”, ocorrido na Universidade Federal Fluminense, em 1996.

¹⁵ Conforme artigo publicado nos *Anais* do Seminário “Pedagogia da Imagem, Imagem da Pedagogia”, ocorrido na Universidade Federal Fluminense, em 1996. De acordo com o autor, a produção é fruto da dissertação de mestrado intitulada “Cinema e história: uma análise do filme “Os Bandeirantes”, defendida em 1994 na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, que merece ser por nós visitada.

Toda essa documentação merece ser visitada pelos pesquisadores da área de História da Educação, assim como fez Eduardo Victorino Morettin, da área de Comunicação.

Não foi possível verificar quantos colegas estão orientando trabalhos de monografia, dissertação e teses que tenham essa documentação como fonte ou objeto de investigação. No momento, oriento uma dissertação de mestrado¹⁶ que tem como elemento motivador de pesquisa, as imagens sobre a escravidão, trazidas nos livros didáticos de história do ensino fundamental, adotados no Rio de Janeiro, nos anos 90.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p. Publicações Técnicas; n. 51)

BONATO, Nailda Marinho da Costa .*A escola profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica*. Campinas-SP: Unicamp, 2003. (Tese defendida em 06 de agosto de 2003). Doutorado em Educação na área História, Filosofia e Educação, desenvolvido na UNICAMP-SP – Universidade Estadual de Campinas)

BRANDÃO, Ana Maria de Lima, LEME, Paulo de Tarso R. Dias Paes. Documentação especial em arquivos públicos. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.51-59, jan/jun. 1986.

BURGI, Sérgio. *Introdução à preservação e conservação de acervos fotográficos: técnicas, métodos e materiais*. Colaboração de pesquisa: Sandra Cristina Serra Baruki. Rio de Janeiro: Funarte, 1988.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em história da educação. *Cadernos Ceru*. São Paulo, Série 2, n.8, 1997. pp.7-28.

FIGUEIRA, Nisiclér Moreira. Videocassete: a história em cores. Fácil produção, difícil conservação. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro, v.7, n.1-2, p.97-100, jan/dez. 1994.

LOPES, Ana Elisabete Rodrigues de Carvalho. *'Foto-grafando: sobre arte-educação e educação especial'*. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, 1996. 153p. (Dissertação de Mestrado).

MOLINARI Jr., Clóvis. *Imagem em movimento: organização, conservação e acesso*. Rio de Janeiro: Unirio, 199?. Palestra.

MORETTIN, Eduardo Victorio. Cinema, história e educação: uma análise do filme “Os Bandeirantes”(1940), de Humberto Mauro. In. *Anais do Seminário “Pedagogia da imagem, imagem da Pedagogia.”* Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense,

¹⁶ Projeto da mestranda Warley da Costa intitulado: ‘Olhares sobre olhares: imagens da escravidão no livro didático’

Faculdade de Educação, Departamento de Fundamentos Pedagógicos, 1996. pp. 181-193.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In. LOMBARDI, José Claudinei e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR: Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Palmas, PR: Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná (UNICS); Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2004. (Coleção Memória da Educação).

VIDAL, Diana Gonçalves. A imagem na Reforma educacional carioca da década de 20: fotografia, cinema e arquitetura. In. *Anais do Seminário "Pedagogia da imagem, imagem da Pedagogia."* Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Departamento de Fundamentos Pedagógicos, 1996. pp. 175-179.